

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1233	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Março de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



MARCELLE GENIAT

A notavel e formosa actriz Marcelle Geniat, do teatro das Portes de Saint Martin, de Paris, que ao lado do celebre Huguenet, começa amanha, no Teatro da Republica, uma serie de recitas, apresentando as melhores peças do seu repertorio, permitirá ao publico de Lisboa poder apreciar a arte e maleabilidade da talentosa actriz, vendo-a na: «La robe rouge, de Brièux»; «Le voyage de M. Perrichon, de Labiché»; «Le secret du Polichinelle, de Pierre Wolf»; «Papá, de Flers et Chillavet»; «Le Fo yer, de Octave Mirbeau, etc.



CRONICA OCCIDENTAL

A' ultima hora e por impedimento imprevisto, do colega cronista, cujo brilho de sua prosa os leitores sentirão a falta, eis-nos de improviso a alinhar factos, fiado na benevolencia de quem nos lêr, atendendo a que o tempo dos perdões não vae longe, apesar dos miseros condenados, este ano não terem apanhado nenhum, como era de uso algum tempo.

Pois é verdade; soltou-se o canto de graças *Aleluia*; alegrou-se a natureza com as primeiras flôres da primavera; avesinhas gorgearam aladas na liberdade dos ares, saudando alegres a generosa luz do nosso sol e, contudo, a muitas almas não se dissiparam as trevas da tristeza, nem se desoprimiram os corações encarcerados.

Cantaram-se aleluias, ruminaram-se amendoas e canelões, e por essas ruas ondeou a população, visitando igrejas e confeitórios, numa promiscuidade democratica de todos os tempos, para que se não diga que é só de agora.

No meio destas multidões que se entrechocavam ás portas dos templos, em contactos e sorrisos de namorados felizes, quem se lembrava dos oprimidos que sua má sorte levou a encherem as prisões!?

Veiu de longe uma alma bondosa de mulher, de além da Mancha, do país de Galles, uma Duquesa, roçar suas sedas pelos corredores das cadeias, numa peregrinação comovida a visitar os presos politicos.

A nobre dama da côrte de Londres, duquesa de Bedford, Adelina, viuva do duque do mesmo titulo e cunhada do actual, faz parte de duas associações da aristocracia inglêsa, intituladas Associação Filantropica Howard e Associação Internacional de Penitenciarias, cujo fim é velarem pela sorte dos presos de toda a parte. Vindo agora a Lisboa munuiu-se de cartas de apresentação de sir Harding, aqui ministro de Inglaterra, para os directores das cadeias

Acompanhada de sua dama e do vice-consul inglêsr. Jones, a sr.^a duquesa de Bedford visitou nos ultimos dias da semana santa as cadeias do Limoeiro, do Aljube e Penitenciaria, onde se avistou com alguns dos presos politicos, vendo e inquirindo das condições em que se encontravam, e, no desempenho de sua missão, levando-lhes palavras consoladoras animo e coragem para suportarem a situação em que se encontram, pela qual se vae deveras interessar.

Nada de mais cristão se poderá notar na semana santa que passou, como esta pratica cristianissima de visitar os encarcerados, consular os tristes!

Não se descuram, porém, actos de humanidade nesta boa terra portugueza e, por exemplo, a Misericordia de Lisboa realisou uma festa tão simpatica quanto util, qual foi o conferir premios ás creanças, cuja creação subsidia, que se apresentassem num maior grau de desenvolvimento e robustês.

A Misericordia de Lisboa dispense anualmente, com a assistencia infantil, quantia superior a cem contos de réis, além de muitos outros subsidios, esmo-



A SR.^a DUQUÊSA DE BEDFORD ACOMPANHADA DE SUA DAMA E DO SR. JONES VISITANDO AS CADEIAS DE LISBOA

las, socorros medicos, remedios, rendas de casa, etc., que distribue por toda a cidade.

Para alegrar a festa bastava o concurso das numerosas creanças, mas ajuntando-se lhes a musica, os discursos e os aplausos aos pequeruchos que se apresentavam nedios e sadios, poder-se ha calcular a alegria que pairou na grande sala, onde tantas vezes os felizes terão ouvido gritar o numero da sorte grande, no bilhete que possuem.

Na presença do sr. ministro do interior dr. Rodrigo Rodrigues, do provedor, sr. Pereira de Miranda, do medico assistente, sr. dr. Lopes e mais funcionarios

mos para onde foram trasladadas, ha 9 anos, solenemente, com autorisação do governo, e onde se lhe está levantando um tumulo condigno feito por subscrição publica e que é mais uma obra de arte dos irmãos José e Antonio Teixeira Lopes, o arquiteto e o esculptor d'esse monumento.

O nosso colega jornalista, sr. Alberto Bessa, secretario da Sociedade Literaria Almeida Garrett, já veio á imprensa lavar o seu protesto.

Não se encontrará só.

Poetas! Poetas! deixae passar a onda vandálica.

CAETANO ALBERTO.



NA MISERICORDIA DE LISBOA, O CONCURSO DE CREAÇAS

da Misericordia, se realisou a distribuição dos premios, em numero de 32, e que foram de 120000 réis para os primeiros classificados; 100000 réis para os segundos; e 80000 réis para os terceiros.

Era de vêr como os bebés contentes se repimpavam na balança com todo o peso das suas nedias carnes e com todo o orgulho de sua robustês.

Cuidar da infancia é cuidar de um capital produtivo, digamos assim por ir mais de acordo com o espirito mercantil da época, pois vão passados os tempos da poesia despreendida do *vil interesse*.

Tanto assim é que ora surge uma desrespeitosa questão sobre se as cinzas de Garrett deverão continuar no templo dos Jerenios

PELO MUNDO FÓRA

Assassinio do rei Jorge da Grecia

No dia 18 do corrente foi toda a Europa abalada pela noticia, verdadeiramente tragica, da morte do popularissimo soberano da Grecia, no momento em que dava o seu passeio habitual pelas ruas de *Salonica*. Um desvairado, *Alexandre Schmiás*, grego sem patria, que parece ter sido professor em Athenas, alvejou o monarca com um revolver atravessando-lhe o coração com uma bala. O rei, que tinha por companheiro o seu ajudante, coronel *Frangoudis*, cahiu logo morto, sendo preso o assassino. Por uma ironia tragica da sorte o rei Jorge morre no apogeu da sua gloria, apoz o maior triumpho do seu exercito na tomada de *Janina*, essa famosa praça que esteve na posse do turco durante quinhentos annos; morre em *Salonica*, cuja conquista tanto jubilo causou em toda a nação e onde o principe herdeiro havia entrado no memoravel dia 8 de novembro ultimo, á frente de valeroso exercito conquistador!

Este acontecimento é mais um dos *coups de théâtre* que a guerra dos Balkans tem patenteado ao mundo e que ninguém sabe quando terão fim.

O rei Jorge I da Grecia nasceu em Copenhague em 24 de dezembro de 1845; era filho segundo do rei Christiano da Dinamarca. Em 1863, tendo sido des-thronado o rei Othão, filho de Luis I da Baviera, foi, por indicação das potencias protectoras — França, Russia e Inglaterra — proclamado *rei dos hellenos* (30 de março) fazendo a sua entrada em Athenas em 31 de outubro. No seu juramento, em 28 de novembro de 1864, disse: — *Quero fazer da Grecia um modelo para os povos balkanicos.*

Nos cincoenta annos do seu reinado teve sempre em mira a realisação d'aquelle patriotico intento, que acabava de ser coroado pela victoria definitiva das armas gregas e libertação da Macedonia hellenica.

Para o bom exito da sua obra concorreu muito a sagacidade politica e diplomatica de seu pae, fazendo as alianças de suas irmãs com aquelles que haviam de sentar-se nos thronos da Inglaterra e da Russia: — Eduardo VII e Alexandre III.

Jorge I fortificou ainda mais o apoio russo pelo seu casamento em 1867 com a grã-duquesa *Olga Constantinowna*, sobrinha do imperador Alexandre II.

As suas idéas pan-hellenicas, se lhe trouxeram grandes triumphos tambem lhe causaram profundos desgostos e ameaças graves, que lhe abalaram o throno e chegaram mesmo a pôr lhe em risco a propria vida.

A annexação da ilha de Creta foi causa de grandes perturbações internas e externas, provocando conflictos com a Turquia e questões diplomaticas, que só terminaram, se é que terminaram, no dia 14 de outubro findo, pela admissão dos deputados cretenses na camara grega, no meio de enorme jubilo, o que significava a annexação da ilha de Creta á Grecia. As grandes potencias, que haviam feito a declaração do *statu quo* territorial, não

estavam dispostas a aceitar essa annexação, que no entanto parece ser um facto consummado.

A questão de Creta vinha já desde 1866, anno em que se deu o levantamento contra os turcos, com apoio do rei Jorge, o que provocou logo a opposição da Inglaterra e da França. Começam as difficuldades do seu governo, seguindo-se perturbações que só terminam com o ministerio *Tricopis*.

Em 1878, durante a campanha turco-russa, Jorge I faz entrar o seu exercito na Thessalia, que com uma parte do Epiro, lhe cabe na partilha do tratado de Berlim.



REI JORGE I DA GRECIA
ASSASSINADO EM SALONICA

Em 1885 dão-se acontecimentos entre a Bulgaria e a Rumania que provocam grande agitação grega, causando uma intervenção das potencias, que não só bloqueiam a Grecia, mas tambem a obrigam a desarmar.

Em 1896 dá-se novo levantamento em Creta, apoz a expedição do capitão *Vassos*, sob o impulso da *Etnike Hetaira*, d'onde surgiu a guerra greco turca de 1897, que foi curta e decisiva, pois que a 4 de dezembro era assignado o tratado de paz, em Constantinopla, em que a Grecia devia pagar quatro milhões de libras e solfrer ainda uma rectificação de fronteiras.

O ministerio *Rhallys* era entretanto substituido pelo de *Zaimis* e os turcos evacuaram a Thessalia em junho de 1898.

Esta derrota enfureceu os mais exaltados que se voltaram contra o throno. Um dia, o rei Jorge andando de carruagem nos arredores de Athenas foi surpreendido por dois individuos que lhe apontaram as suas espingardas, bem como a sua filha, escapando por milagre.

As dissensões politicas continuaram cada vez mais furibundas e o chefe da opposição *Delyannis* pretendeu derrubar o ministerio *Zaimis* que tomára a peito o levantamento da nação, mas que, pelo contrario, lhe aggravara a situação.

Em abril de 1899 organisa-se o ministerio *Theodotakis* que levou a cabo importantes reformas preconizadas pelo soberano. Os partidos da opposição pro-

vocaram em 1901 tumultos universitarios que forçaram o governo a demittir-se, contra o voto da camara. *Zaimis* consegue manter-se durante um anno, cedendo o logar a *Delyannis*, que tem de abandonar o poder em 1903. A instabilidade ministerial é uma cousa normal, pois que de 1863 a 1900 se contaram nada menos de quarenta e sete crises de gabinete!

Em 1909 a *Liga Militar* provocou um movimento que, sob apparencias reformadoras, tinha um character anti-dynastico e se não vizava directamente o rei, attingia-lhe os filhos, na pessoa do principe herdeiro que era quem soffria a impopularidade dos desastres de 1897. Nesse momento bem grave para a Grecia, o rei Jorge deu mostras de rara prudencia e abnegação, sacrificando os interesses da sua familia em nome dos altos interesses da patria.

Esse principe que havia de expiar os erros da nação, veiu pouco depois a ser o grande heroe do exercito hellenico entrando victorioso em *Salonica* e em *Janina*, onde agora o surpreendeu a morte de seu pae!

O *diadocho*, o principe herdeiro, o vencedor de *Sarantaporos*, de *Yenidze* e de *Janina* foi já proclamado rei *Constantino XII*, visto que o ultimo imperador byzantino foi *Constantino XI*.

Em outubro de 1910 o rei chamou *Venizelos* á presidencia do conselho, facto que veio tornar ainda mais tensas as relações entre Athenas e Constantinopla, visto que o primeiro ministro era cretense e grande entusiasta pela annexação.

Em maio de 1912, o grande estadista assigna com a Bulgaria e a Servia o celebre tratado de alliança balkanica, que teve por consequencia o aniquilamento do poderio turco na Europa. Esse pacto, que muitos julgavam impraticavel, demonstrou o alto senso politico do grande monarca e de *Venizelos*, esse homem extraordinario que é a admiração do mundo e que ha-de ser o apoio forte e intelligente de *Constantino XII*.

O actual rei collaborou brilhantemente na obra patriotica de seu pae, offerecendo garantia segura de que ha-de ser *the right-man in the right place*, segundo a expressão já consagrada. Tem quarenta e cinco annos incompletos, pois nasceu em Athenas a 21 de julho de 1868. Desde a infancia que se dedicou a assumptos militares, tendo entrado no exercito como tenente. Nomeado inspector general do exercito, bem mereceu essa honra pelas victorias alcançadas na Thessalia e no Epiro, de *Larissa* a *Salonica* e *Janina*.

O duque de Sparta, o *diadocho*, como era geralmente chamado, fala com grande facilidade a maior parte das linguas europeas, e possui uma illustração muito completa.

Do seu casamento com a princeza *Sophia da Prussia*, irmã do imperador *Guilherme II*, tem cinco filhos: o principe *Jorge*, actual principe herdeiro, já baptizado na guerra, os principes *Alexandre* e *Paulo* e as princezas *Helena* e *Irene*.

A morte do rei Jorge produziu profunda consternação, como era de calcular, nas côrtes de Londres e da Russia, como de resto em toda a Europa, que mostrou para com o rei Jorge I a mais alta consideração e sympathia. As



MIGUEL ROMANOFF
FUNDADOR DA ACTUAL DINASTIA DA RUSSIA (1613)

xo, que foi, sob varios pontos de vista, o precursor de Pedro o Grande.

No dia 6 do corrente (21 de fevereiro do calendario russo), dia do anniversario da coroação de Miguel Romanoff, a Russia festejou com enorme entusiasmo e esplendor o tri-centenario da dynastia de que é glorioso representante o actual imperador Nicolau II.

O Czar e o governo quizeram que essa celebração ficasse preduravelmente gravada em todos os corações russos, e especialmente nos desprotegidos da fortuna, em cujo beneficio se fizeram valiosos donativos. Para condemnados politicos e de crimes communs teve Nicolau II um rasgado gesto de clemencia, que certamente consolidará mais ainda o throno dos Romanoff.

Em todas as grandes cidades, bem



FEODOLKIJA LUKJANOWNA
ESPOSA DE MIGUEL ROMANOFF



A FAMILIA IMPERIAL RUSSA, GRAN-DUQUES E GRAN-DUQUESAS, AGUARDANDO A CHEGADA DO IMPERADOR, À PORTA DA CATEDRAL DE KAZAN

ultimas palavras do rei Jorge da Grecia, foram dirigidas á Allemanha. Com effeito, minutos antes do assassinato, o monarca, conversando com o seu ajudante de campo e mostrando-lhe um navio de guerra ancorado no porto, disse-lhe: — «Amanhã vou visitar o dreadnought *Goebn*. Esse navio allemão será o primeiro a prestar as honras ao rei dos hellenos em Salonica. E' um facto que me dá muita satisfação.»

O Tri-Centenario da Dinastia dos Romanoff

Miguel Feodorovitch Romanoff, a quem os boiardos deram a corôa da *Moscovia* em 1613, foi o fundador da dynastia que ainda hoje preside aos destinos do immenso imperio russo, constituido pelo genio extraordinario de *Pedro o Grande* e fixado pela grande *Catharina II*, cuja virilidade e energia maravilhou o mundo. O czar Miguel reinou até 1645, succedendo-lhe seu filho *Alei-*

como nas povoações mais humildes celebraram-se ceremonias religiosas commemorativas d'aquelle anniversario; mas foi em S. Petersburgo, na cathedral de Kazan, onde a familia imperial, os representantes do governo e da aristocracia se reuniram para a cerimonia, realzada com aquella pompa que é peculiar da igreja orthodoxa. Na cathedral foi lida pelo imperador uma mensagem em que se fez a historia da Russia durante estes tres seculos.

24 — III — 913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Um gago entra n'uma pharmacia para comprar *ipicacuanha*.
— Dê-me, dê-me... dê-me... ipe... ipe... ipe... ipe...
— *Urrah!* acaba o boticario, que era grande galhofeiro.

Minha mãe

Quando eu embarco, a minha mãe bondosa,
Mostra-se alegre e fita me a sorrir!
Mas ele ha tanta mágua dolorosa
Que os sorrisos não pôdem encobrir!

Quer poupar-me uma hora tormentosa,
E, se não chora, é para me iludir.
Mas, quando me vê longe, — mãe saudosa! —
Como ela chora por me vê partir!

Mezes depois, no dia da chegada,
Desde o primeiro alvor da madrugada,
Ei-la constantemente olhando o mar...

Surge o navio enfim lá no horizonte,
Oh! que alegria lhe ilumina a fronte!
— Como ela chora por me vê voltar!

ESPINOLA DE MENDONÇA.



Quem te conta os defeitos alheios, conta também os teus aos outros.

Esboçeto

O plano em que se erguia o supedâneo do altar, superior ao pavimento da capella mór, era acessível por 3 amplos e extensos degraus molemente alcatifados.

Eil-a que entra conscia da sua individualidade; faz uma ligeira jenuflexão,

que são um requinte de elegancia. Do que podia descobrir-se da cintura, e do volume que se apoiava no segundo degrau, deduzia-se um corpo franzino, e como que proprio para adejos de ave.

Diligencias infructiferas para lhe admirar as feições! a luz não me favorecia.

Não era decerto para mim que ella tomara e escolhera a melhor posição para ser vista e admirada, e sentia-se o desvanecimento com que febrilmente movia

Concurso de almofadas

Promovido pela bem conhecida e distintissima professora sr.^a D. Luisa de Sousa, realisou-se, nos ultimos dias, no Palacio Foz, um concurso de almofadas decorativas, que foi um verdadeiro enlevo para as pessoas que visitaram a esplendida exposição, como, neste genero, ainda se não tinha visto em Lisboa, com tanta arte e gosto.

Principiando pelas primorosas obras expostas pela sr.^a D. Luisa de Sousa, muito houve ainda que admirar nos trabalhos apresentados por suas

Aniversario da Fundação do Ginásio Club Português



Francisco Padinha

Ao centro sentados os Directores, srs. Humberto Caldas, Antonio Martins, Lima Junior e Agostinho Horta

GRUPO DE SOCIOS QUE TOMARAM PARTE NO SARAU DE GINASTICA E BAILE COM QUE O GINASIO CLUB PORTUGUÊS CELEBROU, EM 18 DO CORRENTE, O ANIVERSARIO DA SUA FUNDAÇÃO

como quem dirige um cerimonioso cumprimento; a oração que se lhe segue, foi breve, como de quem tinha pouco que dizer; e para descansar da fadiga da, talvez, longa caminhada, eil-a que se recosta no degrau superior, sentada no segundo, até pizar nervosamente o chão com a elegante botinha de cazimira cõr de pombo gaspeada de polimento.

Toda aquella elegancia ostentava um delicioso á vontade, em contraste com a gravidade do logar.

A emergir de uma boina de veludo castanho escuro, adornada á direita com uma ligeira *aigrette* negra, apparecia ondeado com arte um setinoso cabello negro tambem. O busto escondia-se-lhe debaixo da alvura de atufados arminhos, tomando-lhe todo o regaço, escondia-lhe as mãos um d'esses volumosos regalos

aquelle pézinho pequeno, estreito e irreprehensivelmente calçado.

Finda a missa, eis me sollicito no atrio da sahida. Bella, elegante, graciosa na plenitude de sua estatura deu-me a impressão de uma d'essas flôres de estufa finas e delicadas que se arreceiam do menor resfriamento. Passou por mim rapida, (e fallam-me de sugestões) sem a impressão sequer de que estava sendo objecto de uma intensa curiosidade; e no proprio instante da passagem pude ver-lhe na interessante palidez do rosto uma covinha a certa altura da face esquerda, e fiquei pensando de mim para comigo. Seria a falta de algum dente?

E n'isto se me foi toda a boa intenção que me levará á igreja a ouvir missa.

NEMO.

distintas discipulas, em numero de 33, a uma boa parte das quaes foram conferidos premios, como abaixo se lê e mediante um juri composto de:

D. Zoé Wauthet de Batalha Reis, Jorge Colaço, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, José Campas e D. Luisa de Sousa.

1.^o premio, medalha de ouro, conferido a Albertina Rodrigues, por quatro almofadas, trabalho em couro.

2.^o premio, medalha de prata, Elvira Coelho, almofada em pelica.

3.^o premio, medalha de cobre, Laura Carvalho Costa, almofada de veludo branco.

4.^o premio, diploma de medalha de prata, Maria do Carmo Coimbra, almofada a lapis sobre setim.

5.^o premio, diploma de medalha de prata, Lucinda Brandão, pintura metalica sobre pelica.

6.^o premio, diploma de medalha de cobre, Maria Isabel Carreira e Silva, almofada de couro pintado.

7.^o premio, diploma de medalha de cobre, Almira Brandão, almofada de couro pirogravado e pintado.

Concurso de almofadas



D. LUISA DE SOUSA

O juri, atendendo aos muitos trabalhos dignos de elogio, houve por bem, conferir diplomas especiaes ás seguintes concorrentes: Celeste Carvalho, Maria Joana Lopes Perdigão Correia, Antonia Oliveira Pinto, Maria de Sousa Leal, Dolores Candeira, Lidia Araujo, Joaquina Araujo, Isaura Oliveira, Maria Mathilde Sampaio, Guilhermina Santiago, Carmen Sousa, Amelia Sampaio, Isabel Carreira e Silva. Virginia de Freitas e Elvira de Freitas.

Concorreram mais as meninas Adelia Alegria, Emma Coimbra, Maria Carlota Franco d'Almeida, Carmo Foz, Leopoldina de Freitas, Rosalina de Freitas, Julieta Fontes, Carmen Correia Leite, Maria E. Moniz Tavares, Adelaide de Oliveira, Aurora Pires, Lidia Sant'Ana, Maria Amelia Sampaio e Luisa Simas, que, apesar de terem pouco tempo de estudo, mostraram bom aproveitamento.

Um dos membros do juri, o sr. José Campas, tanto em evidencia neste momento, para mostrar o seu grande entusiasmo pelos trabalhos expostos, dignou-se solicitar da sr.ª D. Albertina Rodrigues, a venda de uma das suas almofadas premiadas com medalha de ouro, ou a sua troca por um dos seus quadros escolhidos no catalogo, o que prova o grande apreço que o eximio artista deu a estes trabalhos.



AS ALMOFADAS PREMIADAS COM MEDALHAS DE OURO, DE PRATA E DE COBRE



AS ALMOFADAS PREMIADAS COM MENSÕES HONROSAS



OS EXECUTANTES DAS «MATINÉES» CONCERTOS NO SALÃO DA TRINDADE SOB A REGENCIA DO SR. JOSÉ HENRIQUE DOS SANTOS

CONCERTOS

As «matinées» concertos no «Salão da Trindade»

A empresa d'este salão, inaugurou uma serie de concertos com uma orquestra d'arco, que têm em mira a execução dum grande numero de obras portuguezas. E' uma iniciativa que deve ser acolhida com o maximo entusiasmo. Foi escolhido pelo director d'orquestra um artista portuguez, o sr. José Henrique dos Santos, de nome bastante conhecido e um habil tocador de violoncello e de flauta, como demonstrou ha pouco nos concertos do *Republica*. Estes concertos que têm logar todos os domingos em *matinées*, já se realisou o primeiro com um programma magnifico em que figuravam obras de Mozart, Beethoven, Bizet, Wagner, Orens-

ki, Godart, Paubert, Saint-Saens e Alfredo Napoleão. O sr. José Henrique dos Santos, como regente, foi bastante feliz em algumas peças, como fôram as *ouvertures* de Mozart e Beethoven, no *Adagietto* de Bizet, no *Sigfreeil* de Wagner e na obra portugueza de A. Napoleão.

Nas restantes, por vezes, mostrou-se um pouco hesitante, como foi na *marcha* de Saint-Saens.

A obra portugueza de Napoleão *Fan-*

tasia e Polaca para piano e orquestra agradou muito, recebendo o autor muitas ovações.

No final do concerto, o sr. Santos foi muito applaudido assim como a orquestra.

A' primeira e segunda parte, assistiu o sr. presidente da Republica.

Concerto Schumann

Com a assistencia do que de mais distinto ha na sociedade de Lisboa, realisou-se no salão da Liga Naval um concerto organizado pelo professor Rey Colaço, em homenagem á memoria de Schumann.

O programma foi o seguinte:

I Quarteto em mi bemol op. 47. Sostenido assai — Allegro ma non troppo — Scherso — Andante cantabile — Finale, vivace (piano, violino, viola e violoncelo), pelos srs. Rey Colaço, Blanch, Lamas e Somers Cocks.

II a) Vol-



Lamas — Somers Cocks — M.^{lle} Laura W. Marques — Rey Colaço

M.^{lle} Saint René Taillander

NO CONCERTO EM HOMENAGEM Á MEMORIA DE SCHUMANN

ksi edcheu. b) Ich wand're nicht. c) Der Nussbaum. d) L'heure du mystère, por mademoiselle Wake Marques.

III Conferencia pelo sr. dr. José d'Arquilla.

IV Carnaval op. 9 (scenas pequenas sobre 4 notas): Prémabile, Pierrot, Arlequin, Valse noble, Eusebius, Florestan, Coquette, Réplique, Papillons, A-S-C-H-S-C-H-A: lettres dansantes, Chiarina, Chopin, Estrella, Reconnaissance, Pantalón et Colombine, Valse allemande, Paganini, Aveu, Promenade, Pause, Mar-

che des «Davidsbunder contre les Philistins». — Variations sur le Carnaval de Schumann, poesias de F. Gregh, por mademoiselle Saint René Taillandier.

Este programa foi superiormente executado pelos exímios professores e amadores acima mencionados, devendo especialisar-se as distintas amadoras M.^{elles} Laura Wak Marques, nas romanzas que cantou e Saint René Taillandier, na recitação de poesias de F. Gregh sobre o Carnaval de Schumann.

Fóra do programa, mr. Birne cantou esplendidamente duas melodias.

A' ultima hora, não podendo comparecer o sr. dr. José d'Arquilla, chamado a Coimbra, foi substituído pelo sr. Cristovam Ayres, filho, na palestra sobre Schumann, para o que se socorreu de um trabalho da poetisa D. Branca de Gonta Colaço ácerca do genial compositor e sobre este discorreu de improviso com rara felicidade.

Foi um belo sarau de Arte.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

(Continuado do numero antecedente)

A estes elogios tão sentidos, Fombreuse inclinou-se, sorrindo-se levemente, sem ironia.

— Muito bonita a sua lamentação... o titulo esquece-me... aquella... o vento sobre as vagas do mar...

N'este momento o compositor lembrou-se que n'aquella occasião o publico não tinha comprehendido os olhares que se trocaram entre a cantora e Fombreuse, quando Anna saltou, por engano, alguns compassos.

Quando levantou os olhos, já a condessa se tinha voltado para Anna Le Cozan.

— Espero que ficará para a ceia, não é verdade?!

— Recuso mais uma vez, sr.^a condessa. Muito obrigada.

— Peço mais uma vez. Ficaré á minha mesa para conversarmos, e poder saborear esses pratinhos delicados...

— Tenho medo das tentações; estimo muito a minha voz, e não a quero perder por causa d'esses pratos regados com champagne. Para conservar a voz, necessario tranquillidade e deitar-me cedo.

— Mas... os rouxinoes cantam durante a noite...

— Certamente, sr.^a condessa, mas os rouxinoes não comem nem salada japoneza, nem pratos de trufas.

— Sois muito másinha, disse a condessa com um risinho muito branco, a cigarra é tambem assim, canta e foge. E o sr. Fombreuse tambem não quer ficar?

— Não, minha senhora, não me é possível, tenho lições logo de manhã...

— Sinto deveras, não imagina; mas agradeço o prazer de que lhe ficamos devedores.

— Minha senhora...

* * *

A condessa de Rudennis, atravessou a sala, distribuindo com a ponta do leque, pequenas saudações de Mecena aos ar-

tistas que esperavam a sua vez de aparecer á sociedade mundana dos seus salões. O seu vestido tinha um fremito como um murmúrio de consideração.

Anna Le Cozan, sahiu para outra sala cheia de columnas brancas, misturadas com as folhas de grandes palmeiras. Fombreuse seguiu-a.

Cozan foi ter com uma mulher, que sentada, naturalmente ha muito tempo, já dormitava tendo sobre os braços uma grande capa de seda. Estava vestida á moda das mulheres da Bretanha.

— Então, estás a dormir, Maria José?

— Sim, menina. Era o melhor que tinha a fazer, respondeu ella, pondo-lhe a capa sobre os hombros.

— Minha senhora, disseram Steinbaum e Lescourias, quando passavam, depois de terem cumprimentado Fombreuse.

— Então partem já? Deve-se executar agora um preludio do nosso mestre Cesar Frank, sr. Lescourias.

— E' verdade, disse Steinbaum, Cesar Frank está na moda.

— Encommoda-se com isso?

— Certamente, minha senhora, é necessario prestar ás grandes obras e aos seus auctores o devido respeito, porque para a maioria é apenas um passatempo.

— Mais baixo, sr. Steinbaum...

— Tendes razão... estou sempre assim, sou um feroz inimigo dos ouvidos mundanos...

O olhar de Lescourias sorriu com uma certa malicia e o seu rosto revelava o ardente desejo de fallar.

Em que estará a pensar? disse Le Cozan, sorrindo-se.

— Penso como Steinbaum, e d'isso fico contente. Não ha nada mais divertido como a grande lucta que essas pessoas revelam para fingirem aos outros que comprehendem as grandes obras. A expressão da sua physionomia, e a sua vontade constante de abrirem a bocca. Os mais idosos procuram até, com a musica romantica, suspirarem como se fôsem muito jovens... um delirio, bastará olhares para ellas, meu caro Fombreuse.

Tudo isto foi dito de tal modo que Steinbaum e Anna riram-se muito.

— Tendes razão, o melhor é levar tudo isto a rir... mas ás vezes custa a ser artista em certos meios. Eu tinha dito isso mesmo a Fombreuse e o modo como foram recebidos os seus *lieders* não foi para mim nada de novo... nem os chegaram a ouvir.

— Não digo isso, interrompeu Anna, certas melodias foram muito applaudidas.

— Está a dizer uma coisa sem pensar.

Tudo isso é bondade, em não querer ser desagradavel a Fombreuse. Mas tenho a certeza que lá no intimo está descontente, assim como nós. Lá em sua casa é que se cultiva a arte...

— Valha-me Deus, olhe que não estamos sós...

— Um pouco de reserva, meus senhores, disse Lescourias, senão seremos como a creadagem a cortar nas costas dos patrões.

— Que horas são? disse Fombreuse completamente alheio a tudo.

— Ainda é cedo, onze horas sómente, disse Steinbaum.

— Venham a minha casa, disse Anna, estaremos lá mais á vontade, aqui parecemos uns conspiradores.

— Conspiração contra os Philistins! E' um bello motivo de fuga, disse Lescourias dando o exemplo da partida.

Da Avenida Montaigne á rua do Bac em uma carruagem, que mandaram chamar, foi apenas uns minutos de trajecto. Para chegarem a casa de Anna Le Cozan, tinham que atravessar dois pateos, um jardim e então encontrariam uma casa em estylo Luiz XV, da qual a artista occupava o ultimo andar.

— Temos que subir muito, meus caros amigos, disse a cantora sorrindo-se, enquanto Maria José ia allumiando a estreita escada.

Emquanto subiam, Anna ia contando a Steinbaum, que nunca a tinha visitado, quanto ella gosava n'aquelle andar modesto, longe do centro de Paris, e que lhe recordava a sua terra na provincia. Que adoravel tranquillidade! Os vizinhos dos outros andares, felizmente, estavam sempre no campo, pois como familias fidalgas a vida de Paris lhes era muito moderna e algo dispendiosa. Podia-se executar musica á vontade, sem receber as queixas de ninguem; e uma vista deslumbrante, mas que infelizmente a noite escura não deixava gosar.

— Vae fazer chá para estes senhores, eu tomo leite, minha boa Maria José.

E pegando em uma vella conduziu Fombreuse, Steinbaum e Lescourias para um gabinete que servia de salão.

Desde o corredor, onde um grande relógio de pendula marcava as horas com um aspecto grave, tudo tinha um aspecto bretão. Louças de Quimper ornavam por toda a parte as paredes, estando estas guarnecidas com uma especie de *cretonne* com ramagens bastante vistosas; aqui e alli arcas de madeira escura que serviam para arrecadar roupa, etc. O gabinete onde entraram era uma vasta mansarda. O tecto era relativamente bastante alto, de madeira

no genero das casas antigas, assemelhando-se um pouco a um tecto de capella. Do centro pendia um candieiro de cobre com varios bicos em forma de leques. A mobilia era antiga, bancos, cadeiras de palha, algumas arcas; pelas paredes *etagères* com pequenas jarras com flôres.

Por cima d'um *lambri* que guarnecia as paredes, estavam gravuras de Virgens celebres, desde as reproduções hieraticas de Giotto, ás de Memliny, de Sanzio, de Murillo até ás de Hebert. Esta collecção afirmava a fé persistente d'aquella que habitava esta casa e o seu sentimento de bretan, filha de marinheiro. Uma estatua de Santa Anna, permanecia no fundo de um nicho. Dentro de uma pequena caixa de vidro, uma corvetasinha, trabalho delicado d'um velho marinheiro, permanecia sobre um mar feito de papel azul. Em cima de uma parteleira um oculo e varios instrumentos de optica, como se fossem necessarios para se desfructar o horizonte do mar.

Anna Le Cozan poz a vella sobre o piano de cauda, unico objecto moderno n'aquelle meio tão fiel á sua terra.

— E' encantador este meio, disse Steinbaum, que pensava na Allemanha d'onde tinha fugido ao horrôr do serviço militar, não podendo ainda voltar para a sua patria sem correr o perigo de cahir nas mãos

de ferro das leis penaes. Que retiro admiravel para poder reviver no amor do passado, as impressões antigas! A sr.^a Cozan vive no meio d'estas reliquias, recordações de criança, como se não estivesse longe da sua terra!

— O senhor é um descontente, um fugitivo? disse Anna, um pouco admirada.

— Sou ainda mais, um desertor. Deixei o exercito com a declaração da ultima guerra. Não tenho o direito de tirar a vida aos outros, e não posso comprehender o poder de qualquer nação, dar ordens n'este sentido.

Estas palavras foram ditas com a cõnvicção puritana que tinha presidido sempre na conducta da sua vida.

— Admiro a franqueza, que sigo sempre perante todos, revelo-me como sou, assim nunca engano ninguém.

Lescourias tinha aberto a janella. Fombreuse aprazia-se a admirar a noite e disse cheio de tristeza:

— Que adoravel silencio!

Anna Le Cozan deitou a capa sobre uma cadeira, e com o pudôr de rapariga religiosa poz sobre o seu decote uma renda que lhe cobria o peito. Depois foi ter com Steinbaum que estava analysando as gravuras das Virgens.

— Minha senhora, permitta-me que lhe offereça uma gravura que lhe falta aqui, uma imagem de Alberto Dürer, uma Senhora das Dôres. Foi o meu primeiro ensaio de estampa, foi ella que me inspirou a seguir a minha vocação; eu sou gravador.

— Já o sabia, o sr. Fombreuse tinha-me dito. Falla-me tantas vezes nos vossos conselhos preciosos, são alimentos para a arte que elle tem.

— Oh! a chamma brilhava antes de me conhecer.

— Elle tem muito talento, não é verdade?!

— Por emquanto é ainda uma promessa de futuro; mas é novo, a sua

alma saberá vibrar, a voz ainda não encontrou o echo desejado. Beethoven, antes de ser grande, foi discipulo de Mozart. Elle repete a alma dos outros e da comparação surgirá a sua. Já podemos notar a canção que despon-ta; a sua consciencia de existir fará nascer na alma uma lingua-gem brilhante.

(Continúa.)

Lingua comprida faz a vida curta.



CONCURSO INTERNACIONAL DE FOOT-BALL — Os «CRUSADERS» VENCEDORES — ASPETOS DO CAMPO DURANTE O JOGO

A vinda dos «Crusaders» proporcionou uma bela lição aos nossos jogadores de Foot-ball com que muito devem aproveitar. A fleugma dos ingleses e a precisão do seu jogo, afirmou-se logo ao primeiro desafio e sustentou-se em todos que se seguiram. O primeiro adversario, «Club Internacional de Foot-ball» foi derrotado por 5 «goals» contra zero. O «Sporting» perdeu por 12 «goals» contra zero. O desafio continua, devendo bater-se o «Sport Lisboa e Bemfica», mas é pouco provavel a victoria.

O publico interessou-se extraordinariamente por estes desafios, sendo numerosa a concorrência ao Campo das Larangeiras o do Lumiar.

PELOS TEATROS

Trindade

Voltou a sêr representada no palco dêste teatro, agora pela companhia Taveira, a operêta de Wintemberg Dietrich *A Dama Rôxa*.

Cabe aqui repetir que a sua música é de agradável audição e o entrecho interessante posto que extravagante como o de quasi todas as operêtas alemãs ou viennenses que de algum tempo para cá se tem feito representar nos nossos teatros de operêta.

Tudo tem a sua época. O vaudeville, a opera cómica, a operêta francesa, já passaram de moda. Agora são as valsas de Alê-m-Rheno que imperam.

O desempenho de *A Dama Rôxa* é muito regular, salientando-se muito Palmira Bastos que dá á protagonista o maximo relêvo e a feição que o papel exige. Tambem Gomes no papel de conde japonês que veiu à Europa estudar a alma feminina se distingue muito e demonstra mais uma vez as suas faculdades, que não são sómente as de um bom actor cómico. Auzenda, Ferrari, Leitão, Correia e os demais muito bem nos seus papeis.

Actualmente a orquestra, sob a regencia de Wenceslau Pinto, está excelente.

A peça está montada com cuidado e bom gosto, como é de uso sob a gerencia de Taveira.

A. N.

TEATRO DA TRINDADE — «A DAMA RÔXA» — ÚLTIMA SCENA — PALMIRA BASTOS E FERRARI

(Cliché A. Lima)



Fernão Mendes Pinto

(Concluido do n.º 1230)

Onde jaz, portuguezes, a cinza do varão insigne?

Baldadas teem sido até agora todas as pesquisas; nem os presumiveis livros de casamentos e de obitos existem para qualquer esclarecimento identificativo!

Sabemos apenas que em Almada findou a carreira e que lá escreveu «esta tosca, (palavras suas) e rûde escritura, que por herança deixo a meus filhos...» — «um dos livros mais dignos de ser consultado por todos aquelles que tenham amor pela nossa bella lingua» — conforme afirma Mendes dos Remedios (*Historia da Literatura Portuguesa*) com autorizada razão.

De mentir, o acusaram por vezes; mas, encarregou-se o tempo da defesa autentica e brilhante.

«En la qual se encuentran sucessos que pare-

cen fabulosos, y tales se han creydo; pero de los quales la mejor parte se ha verificado despues...» assim se exprimiu, ácerca da *Peregrinação*, o hespanhol Casadevante (*El gran Diccionario Historico* de Luis Moreri, tomo 6.º, 1753).

Cantu (*Historia Universal*, tomo 8.º, tradução e edição portugueza, Lisboa, 1856), usou d'estas expressões formaes:

«Elle voltou como missionario á China e ao Japão, e, quando regressou á Europa, em vez de encontrar recompensas no fim de tantos trabalhos, foi tratado como mentiroso e scismatico.

As descobertas posteriores vieram comtudo em

mas tambem lavam completamente a memoria de «o corajoso viajante» consoante o apelidou Wilhelm Stork, em obra vertida do alemão com primor magistral, pela erudita e gentil professora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Vida e Obras de Luiç de Camões*, primeira parte, pag. 564).

Na primeira das *Memorias* apresentadas á Academia das Sciencias de Lisboa por Christovão Ayres (1904), encontra se, insêrto, um trecho de um codice manuscrito, que o autor diz ter em seu poder, o qual, remata assim:

«Foi desta villa (Montemór o-Velho) sua patria para Lisboa no anno de 1521, em companhia de hum seu tio, sendo aquelle o tempo em que quebravam os Escudos pella morte del Rey Dom Manoel: serviu nos Estados das Indias a el Rey vinte e hum annos, nos quaes foi treze veses captivo e dezaseis vendido, o que tudo podeis ver e admirar na historia que compoz de suas raras peregrinações, sendo delectavel a sua lição, pello que se enleva o agrado e se satisfaz ao gosto.»

E' indubitavel haver e merecer logar distinto, nas galerias da literatura universal, o singularissimo portuguez, peregrino, que por fim «vegeta» (termo genuino da illustre tradutora de Stork) e apaga-se de todo, na hospitaleira vila de Almada!

Perdeu-se de tino a morada que o albergou, vivo, e o reteve e consumiu já morto; mas, houve justiça de tal reliquia ignorada, revivendo-lhe o nome em via publica, por deliberação camara-ria.

Com este nobre exemplo de legitimo civismo, erga Montemór-o-Velho, ao antepassado municipe, o maior de seus filhos, o monumento condigno para apresental-o á posteridade!

D. F. DE NORONHA.



O Café de Suvata

(De Bernardino de Saint-Pierre)

Existia em Surata um café onde á tarde se reuniam muitos estrangeiros. Um dia appareceu alli um *seidre* persa, ou bacharel em leis, que sempre escrevêra sobre theologia e que não acreditava em Deus.

— Quem é Deus? — perguntava — D'onde veiu? Quem o creou? Onde está? Se fosse um corpo, vê-lo-hia; se fosse um espirito, seria intelligente e justo, não permittiria que na terra houvesse desgraçados. Eu mesmo, depois de haver trabalhado bastante em seu serviço, seria pontífice em Ispahan e não seria obrigado a fugir da Servia, após o ter esla-recido os homens. Não ha Deus.

Assim, o bacharel, levado pela sua ambição, á força de raciocinar sobre a primeira causa de todas as cousas, veiu a perder a sua, e a crêr que não era a sua propria intelligencia que existia, mas

sua defeza. Amigo do maravilhoso, de que elle constantemente encontra vestigios em regiões inteiramente novas, deixa-se arrastar pela sua imaginação; mas as narrações approximam-se sempre da verdade, e é preciso possuir uma alma poetica para comprehender vicissitudes tão extraordinarias em meio de dezeseite annos de escravidão successivos n'essas ilhas do Oriente, a que elle chamasse, á maneira dos chinezes, as palpebras do mundo. Com que verdade não pinta elle esses Malaios animados unicamente por um ardente amor, e apenas meditando danças e vinganças!

Em Bouillet (*Dictionnaire Universel d'Histoire et de Géographie*, Paris, 1869) lê se este assêrto categorico:

«Sa véracité, longtemps mise en doute, a été confirmée par des voyages postérieurs.»

Nas passagens transcritas precedentemente, encerram-se depoimentos que não só nos honram

a que governava o Universo. Tinha como escravo um cafre quasi nú, que deixou ficar á porta do café. Quanto a elle, foi sentar-se n'um sophá, e tomou uma taça de coquenar ou opio. Quando esta bebida começou a escandecer-lhe o cerebro, dirigiu-se ao escravo — que estava sentado n'uma pedra ao sol, entretido a caçar moscas que o atormentavam — e disse-lhe:

— Miseravel negro, crês em algum Deus?

— Quem pôde duvidá-lo? — respondeu o cafre.

Ao proferir estas palavras, o cafre tira d'um farrapo da tanga que lhe cingia os rins, um pequeno bonifrate de madeira, e disse:

— Este é o Deus que me protege desde que vim ao mundo; é feito d'um ramo d'arvore feitiço do meu paiz.

Todas as pessoas que estavam no café ficaram tão surprehendidas com a resposta do escravo como com a pergunta do amo.

Então, um brahmanne, encolhendo os hombros, perguntou ao negro:

— Pobre imbecil, pois trazes o teu deus na cintura? Fica sabendo que não existe outro deus além de Brahma, que creou o mundo, e cujos templos estão á beira-Ganges. Os brahmannes são os seus unicos sacerdotes, e é pela sua protecção particular que existem ha cento-e-vinte mil annos, apesar de todas as revoluções da India.

Então, um corretor judeu tomou a palavra para dizer:

— Como é que os brahmannes podem acreditar que Deus só tem templos na India e que é o unico que existe para a sua raça? Só ha um deus, o de Abrahão, que tem só um povo, o de Israel. Conserva-o, ainda que espalhado por toda a terra, até que o tenham igualado em Jerusalem para lhe dar o imperio das nações, quando reedifique o seu templo, outr'ora a maravilha do universo.

Dizendo isto, o israelita chorou, e ía continuar, quando um italiano de blusa azul lhe disse encolerizado:

— O sr. faz Deus injusto tornando-o só amigo do povo de Israel. Regeitou-o ha mil-e-setecentos annos, como pôde verificar pela sua propria dispersão. Chama hoje todos os homens á Egreja romana, sem a qual não ha salvação possível.

Retorquiu, empallidecendo, ao missionario catholico, um padre protestante, da missão dinamarqueza de Trinquebor:

— Como pôde restringir a salvação dos homens á sua communhão idolatra? Fiquem sciente de que só se salvão os que, segundo o Evangelho, adoram a Deus em espirito e em realidade, sob a lei de Jesus.

A seguir, um turco official da alfandega de Suvata, que fumava cachimbo, falou assim aos dois christãos com aspecto grave:

— Padres: como podem limitar o conhecimento de Deus nas suas egrejas? A lei de Jesus foi abolida desde a chegada de Mahomet, o Paracleto predicto pelo proprio Jesus, o Verbo de Deus. A sua religião apenas existe em alguns reinos, e foi sobre as suas ruinas que a nossa se firmou na mais bella porção da Europa, da Africa, da Asia e nas suas

ilhas. Está hoje assentada no throno de Mogol e e-palha-se pela China, o paiz das luzes. Os senhores mesmo decerto reconhecem a reprovação dos judeus á sua humilhação; reconhecem a missão do propheta nas suas victorias. Só salva os amigos de Mahomet e de Omar porque os que seguem Ali são infieis.

Ao ouvir tal, o *seidre* — que era da Persia, em que o povo segue a seita de Ali — sorriu-se, mas armou-se uma grave questão no café, por causa de todos os estrangeiros, que eram de diversas religiões, e entre os quaes havia ainda christãos abyssinios, cophtas, tartaros-lamas, arabes ismaelitas, e gamos, adoradores do fogo. Todos discutiam acerca da natureza do seu Deus e do respectivo culto, sustentando todos que a verdadeira religião era a do seu paiz.

Estava tambem ahi um litterato da China, discipulo de Confucio, que viajava para instruir-se. Estava a um canto do café, tomando chá, ouvindo tudo e não dizendo palavra. O alfandegueiro turco, dirigindo se-lhe, falou-lhe com voz forte:

— Bom chinez, que guarda silencio, sabe decerto que muitas religiões penetravam na China. Os negociantes do seu paiz, que careciam aqui dos meus serviços, assim m'o disseram, garantindo-me que a de Mahomet era a melhor. Faça — como elles — justiça á verdade, e diga-me o que pensa de Deus e da religião do Seu propheta?

(Continúa.)

RUY DE ABOIM.

NECROLOGIA

Conselheiro Dias Costa

O conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa, falecido em 15 do corrente, era uma das figuras mais distintas da politica portugueza, nos ultimos annos da monarchia, tendo conquistado essa distincção pelo seu talento e incansavel trabalho, pro-



CONSELHEIRO DIAS COSTA

curando e conseguindo sempre desempenhar-se com superior criterio dos altos cargos que lhe foram confiados.

Nascido em Lisboa a 9 de fevereiro de 1853, foi estudante laureado em seus cursos das Escolas Politecnica e do Exercito, sendo-lhe conferidos premios pecuniarios em quasi todas as cadeiras, ficando classificado para a arma de engenha-

ria, não obstante ter sentado praça de cavalaria em 11 de outubro de 1869.

Em 1882 foi nomeado lente provisório de 2.ª classe da Escola do Exercito, passando, em 1888, precedendo concurso, a lente de 1.ª classe, regendo então, com rara proficiencia, varias cadeiras da Escola.

Do mesmo modo e por concurso, desempenhou os logares de lente do Instituto Superior do Comercio e do Instituto Superior Tecnico.

Mas seus vastos conhecimentos e grande actividade, permitiram-lhes não só desempenhar outras comissões importantes, como exercer os cargos de Director Geral do Ultramar e secretario geral do ministerio da marinha.

Um homem de tanto valor, como Dias Costa, não podia, em nosso país, passar indifferente á politica, onde tantos de somenos aptidões teem feito lisongeira carreira. Assim, o sr. Dias Costa, filiando-se no partido progressista, foi pela primeira vez eleito, em 1889, deputado por Arouca, continuando a ser reeleito nas legislaturas seguintes, e por fim nomeado para a camara alta.

Distinguiu-se no parlamento como orador fluente, por vezes humorista e sempre conceituoso.

Em 1897, numa recomposição de ministerio, encarregou-se da pasta da marinha, que dirigiu bem. Em 1910, no governo organizado pelo sr. conselheiro Beirão, dirigiu a pasta do reino.

A conduta politica de Dias Costa foi sempre bem intencionada, sob os principios de bem servir a patria, do que se podia honrar, ainda que para muitos nem sempre podesse ser agradável.

Com o novo regimen perdeu o sr. Dias Costa uma boa parte das comissões que desempenhava, tendo se reformado no posto de coronel de engenharia.

A doença, bronco-pneumonia, prostrou o e em poucos dias o levou á sepultura, onde o acompanharam numerosos amigos e se representaram largamente os alunos dos Institutos incluindo muitos de seus antigos discipulos.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1913

Barometro — Max. altura 775^{mm}.6 em 3 e 8.
 Min. altura 754^{mm}.4 em 20.
 Temperatura — Max. altura 16^o.5 em 8 e 11.
 Min. altura 3^o.7 em 22.
 Nebulosidade — Ceu limpo ou p. nubl. 8 dias.
 Ceu nublado 17 dias.
 Ceu encoberto 3 dias.
 Chuva — 42^{mm}.9 em 9 dias.
 Um unico dia de chuva notavel em 24 (17.^o2).
 Horas de sol descoberto — 150 h. e 27 minutos.
 Nevoeiro — Em 6, 7, 13, 14, 16, 17 e 24.



Relatorio e Contas do Albergue dos Invalidos do Trabalho e parecer da comissão revisora de contas do ano economico de 1911-1912. — Typographia do Comercio, Lisboa, 1912. — Da leitura e comparação dos mapas deste relatorio vê-se que a sua receita no mencionado ano foi de 26:558:595 réis e a despesa de 17:626:8690 réis, sendo de 110 o numero de albergados em 30 de junho de 1912.

Relatorio e Contas dos serviços medicos e farmaceuticos da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, relativos ao ano economico de 1911-1912. — Pelo director destes serviços Alfredo Luis Lopes. Para avaliar os bons serviços prestados pelo posto permanente de socorros medicos, basta saber que o numero de pessoas atendidas e tratadas se elevou no ultimo ano a 93:091. Este relatorio é seguido de outro dos Serviços medicos externos, pelo director destes serviços Caetano Beirão. O numero de doentes nestas condições tratados pela Misericordia de Lisboa, eleva-se a 4:243, nas diferentes freguezias da cidade e suburbios, visitadas por 12 medicos de serviço effetivo.

Ramos & Silva

ELECTRICISTAS E OCULISTAS

63, Chiado, 65 — Lisboa

INSTALAÇÕES DE PARA-RAIOS, CAMPAINHAS, TELEPHONES
E LUZ ELECTRICA



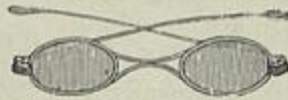
Campainhas de todas as qualidades e tamanhos. Pilhas de todos os auctores e para todas as applicações.

Completo sortimento de oculos, lunetas, binoculos, lorgnons, barometros, thermometros, hygrometros, areometros em todos os generos.

Variado sortimento de apparelhos de phisica e mechanica para escolas primarias e superiores e para brindes a estudantes.

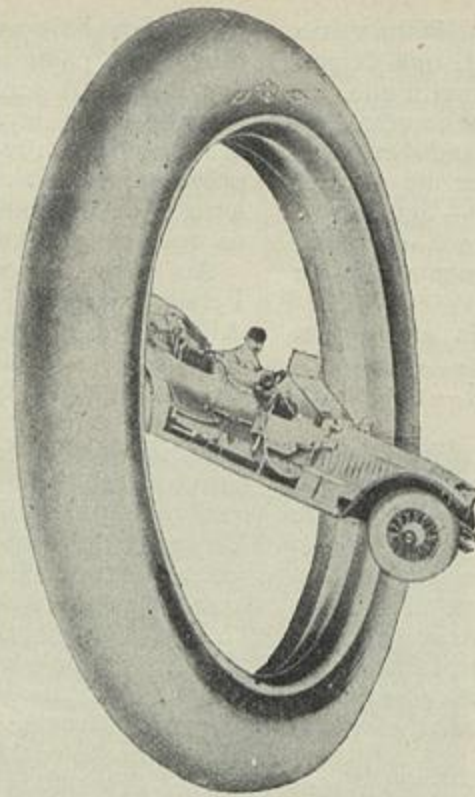


Barometros de bolso, simples e da mais rigorosa precisão; de phantasia proprios para gabinetes, muito ut. is aos agricultores.



Oculos e lunetas para todos os defectos da vista. Aviam-se receitas dos Ex.^{mos} medicos oculistas.

Trabalho garantido



Venda de chassis, Automoveis de luxo, Cidade e Turismo.

Fiacres, Omnibus, Vehiculos industriaes.

Automoveis agricolas, Barcos au'omoveis, Aeroplanos.

Balões dirigiveis e tudo que diga respeito á industria automobilista.

Accessorios, etc,

TELEPHONE 3:606

F. DE SEQUEIRA LOPES

Rua Serpa Pinto, 48, ^s/1

LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis, nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhcres tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto—Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º—LISBOA

CONTRA
A TOSSE

SAROPÉ PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medalthas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effcaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149—LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

EXPEDIENTE

Chamamos a attenção do commercio para os nossos annuncios illustrados com bons desenhos e gravuras, que no papel d'esta Revista produzem optimos resultados, devido ao cuidado e esmero com que essa secção é tratada pelos nossos artistas, ALONSO CHRISTINO DA SILVA, ALBERTO LIMA e PIRES MARINHO. A parte que se refere a annuncios do Estrangeiro está entregue ao sr. Fernando Sequeira Lopes a quem deve ser dirigida toda a correspondencia sobre este assunto á Rua Serpa Pinto, 48 sobre-loja, Lisboa. Para os annuncios do paiz dirigir aos escritorios do OCCIDENTE

Travessa do Convento de Jesus, 4 (Ao Poço Novo)—LISBOA